

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa	
Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho	
Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breenda Karolainy Penha Siqueira Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel Nádia Laguárdia de Lima Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa Walquirene Nunes Sales Driene N. Silva Sampaio Amanda C. Ribeiro Costa Gláucia C. Silva-Oliveira Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL

Paula Land Curi

Universidade Federal Fluminense, Departamento
de Psicologia
Niterói - Rio de Janeiro.

Nayalla Buarque

Integrante do NEACA (2014-2015).
Maricá - Rio de Janeiro.

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

Voluntária no SOS Mulher (2016).
Niterói – Rio de Janeiro.

RESUMO: Este trabalho parte da experiência clínica com adolescentes e jovens mulheres, que vivenciaram situações de violência sexual, e buscaram auxílio em instituições especializadas à prestação de assistência e cuidados. Os atendimentos psicológicos realizados lançaram-nos ao encontro com as mães das usuárias destes dispositivos – mulheres que, outrora, também haviam passado por situações de violência sexual e as mantido como um ‘segredo guardado a sete chaves’. A clínica nos apresentou, através dessas moças, que algumas delas (re)atualizam episódios de violência experienciados pelas suas mães, convocando-nos a refletir sobre a violência sexual, a partir de uma perspectiva transgeracional.

PALAVRAS-CHAVE: violência sexual, mães e

filhas, transgeracionalidade.

ABSTRACT: This study is based on clinical experience with adolescents and young women, who experienced situations of sexual violence and searched for support in specialized institutions for provision of assistance and care. The psychological consultations carried out met us with the mothers of the users of these devices - women who, once, had also been subjected to sexual violence and kept them as a ‘secret kept secret’. The clinic has shown us, through these girls, that some of them (re)update episodes of violence experienced by their mothers, calling us to reflect on sexual violence, from a transgenerational perspective.

KEYWORDS: sexual violence, mothers and daughters, transgenerationality.

1 | INTRODUÇÃO

Sabemos que a adolescência é um tempo angustiante que convoca o sujeito ao trabalho de elaboração de seus enigmas quanto à sua origem, destino e identidade sexual para dele extrair suas consequências. Em meio aos romances familiares, cujo fundamento está no Édipo e que, por si só, comporta uma dimensão trágica e violenta, algumas adolescentes se deparam com a violência sexual. Contudo, não

objetivamos discutir os efeitos traumáticos que são dela decorrentes, mas sim aquilo que se apresenta em nossa clínica cotidiana nas instituições que prestam assistências a essas moças. Por isso, nosso trabalho parte da clínica com adolescentes e jovens atendidos pelo Núcleo Especial de Atendimento à Criança e Adolescentes (NEACA), no município de Maricá, assim como no SOS Mulher, no município de Niterói, ambos no estado do Rio de Janeiro.

O NEACA e o SOS Mulher compõem a rede de atendimento às mulheres em situação de violência, integrando um conjunto de ações e serviços que visam não só ampliar e melhorar a qualidade do atendimento destinado às meninas e mulheres, mas também à identificação e o encaminhamento adequado dos casos, visando à integralidade e à humanização do atendimento.

Embora os projetos se circunscrevam diferentemente, por estarem mais articulados a distintos setores públicos – enquanto o NEACA está mais inserido no âmbito da assistência social, o SOS Mulher compõe o campo da saúde – ambos oferecem uma assistência multidisciplinar e multiprofissional. Ambos também pautam seus trabalhos na perspectiva de gênero, objetivando não só a promoção de saúde, assistência e proteção às meninas e jovens mulheres em situação de violência sexual, mas também a garantia da igualdade de gênero em nossa sociedade, através de ações que, inclusive, (re)afirmam os pactos internacionais os quais o Brasil participa como signatário. Ou seja, estão alinhados com políticas voltadas para às mulheres, o que significa dizer que enfatizam a promoção de igualdade como requisito essencial para conquista de melhores condições de vida.

A violência contra a mulher, sabemos, é tema complexo, tecido por diversos aspectos – históricos, culturais, sociais, econômicos e de saúde - independentemente do tipo de violência perpetrada – física, psicológica, moral, patrimonial ou mesma sexual. Apresenta-se como manifestação (naturalizada e silenciada) da dinâmica de uma sociedade (MINAYO, 2006, p. 7-8), que, no caso brasileiro, está alicerçada no patriarcado, no escravagismo, no classismo e no cristianismo.

A despeito da violência sexual contra as mulheres poder ser pensada em articulação com as questões de gênero, de direitos humanos individuais e coletivos, de direitos sexuais e reprodutivos ou mesmo como problema de saúde pública, pelo seu caráter endêmico, pelo seu número de vítimas e pela magnitude das sequelas orgânicas e emocionais que produz (OPAS, 1994), este trabalho intenta tecer algumas reflexões sobre a violência sexual, a partir da clínica com sujeitos singulares – uma clínica do um a um.

Assim sendo, não pretende discutir como a violência sexual impacta a saúde mental de meninas e mulheres, nem mesmo abordá-la a partir de uma perspectiva socio-histórica, construída sob o patriarcado. Pretende, a luz dos enigmas trazidos pela clínica (psicanalítica) com esses sujeitos, tentar mostrar, mesmo que preliminarmente, como a violência sexual se apresentou como um segredo reatualizado, através do não dito, nas relações transgeracionais – entre mãe e filha.

Com este trabalho, tentamos extrair consequências daquilo que se apresentou em nossa clínica cotidiana, enfatizando aquilo que Freud (1912), em seus artigos técnicos, logo nos alertou: que em psicanálise tratamento e pesquisa coincidem. Logo, não podemos nos furtar de investigar aquilo que a clínica nos descortinou.

2 | QUANDO A CLÍNICA NOS INTERPELA

Teoria e clínica costuradas, como convém a um trabalho de psicanalista. (ELIA, 2003, p.9).

Como dissemos anteriormente, os projetos realizam, com algumas especificidades próprias, acompanhamento multidisciplinar e multiprofissional às adolescentes e jovens mulheres, em situação de violência sexual, sejam elas ocorridas na rua, no domicílio (violência doméstica) e/ou entre membros da família (intrafamiliar).

Os projetos, especialmente no que tange as meninas e as adolescentes, respeitando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), visam fortalecer o sistema de garantia de direitos, através de promoção de ações de acolhimento, acompanhamento e atendimento assistencial e tratamento continuados. Eles têm como proposta minimizar os efeitos devastadores da violação de seus corpos e psiquismo, que muitas vezes ocorre muito precocemente.

A ida aos dispositivos, a fim de buscar ajuda, normalmente, no caso de meninas e adolescentes, não se dá do mesmo modo das mulheres adultas. Estas costumam entrar na rede de enfrentamento à violência sozinhas, ao passo em que as crianças e adolescentes, na maioria das vezes, vão acompanhadas de seus responsáveis legais – na nossa cultura, muito marcadamente, por suas mães.

Como diante da lei são ‘apenas’ adolescentes, ou aquelas com menos de 14 anos, ‘vulneráveis’, no fluxo dos cuidados necessários está também inserida a sua mãe. O que queremos marcar é que, na maioria das vezes, quando estamos diante de adolescentes (até 18 anos de idade), o primeiro encontro clínico se dá com as suas mães/responsáveis legais.

Nesse primeiro momento, tumultuado e repleto de protocolos a seguir, as mães relatam aos profissionais as histórias ocorridas com suas filhas. Ao profissional cabe acolher e escutar cuidadosamente suas palavras, assim como, posteriormente, escutar as moças ‘vitimizadas’, a fim de viabilizar a integralização de ações necessárias ao encaminhamento daquele único caso – afinal, neste contexto, cada caso é único e singular.

Dentre as surpresas que a clínica nos propiciou foi a percepção que muitas dessas mães passam a relatar, nas supostas consultas de suas filhas, suas próprias vivências como sujeito, marcadas também pela violência sexual, até então mantidas em silêncio. Ou seja, foi somente a partir da violência vivida por suas filhas, que elas conseguiram dizer que um dia também foram ‘vítimas’ e revelaram a sua dupla dor:

de suportar por tanto tempo seu segredo, em silêncio, e de não ter conseguido evitar que ocorresse com suas filhas aquilo que lhes seria tão familiar.

Nesse ponto fomos então inclinados a revelar neste trabalho que, a partir da escuta dessas mães, ocorre uma configuração importante a partir da passagem do relato dos fatos à dimensão do dito e, por consequência, os efeitos suscitados em suas filhas.

As dimensões desses dizeres, sobretudo em relação aos efeitos provocados, giram em torno da violência sexual ocorrida entre as gerações. O espanto de se reconhecerem nos acontecimentos com suas filhas demarcam a repetição das histórias que as conduzem para aquilo que jamais desejariam reviver, e que, supostamente, havia se tornado um “segredo guardado a sete chaves”.

Nesse sentido, o que se apresentou como enigma foram as falas das mães dessas adolescentes diante do ocorrido e os efeitos desse dizer nas moças violentadas. Em alguns casos atendidos, deparamo-nos com mães que reconhecem a veracidade dos fatos relatados, legitimando-os com falas do tipo: “aconteceu de novo”, “com ela também”. Evidenciam que, ao escutarem suas filhas, na tentativa de aplacarem suas dores, de dar um contorno ao vivido, revelam segredos jamais ditos: elas também haviam sofrido violência sexual. No entanto, não puderam contar, no seio familiar, com o suporte de outro adulto (suas próprias mães), visto que esse se mostrava indisponível para escutá-las, especialmente quando a revelação e o reconhecimento dos fatos implicavam em providências a serem tomadas que, por sua vez, afetariam de forma direta e objetiva as próprias vidas.

Para além da violência sexual, evidencia-se que o segredo que outrora fora mal-dito, se revelou mesmo no silêncio das palavras e, com efeito, passou a ganhar um lugar relevante na vida da adolescente e de sua mãe. Por vezes, elas transformam o mal-dito em maldito e, nesses casos, mães e filhas se encontram pela via da violência, compartilhando as experiências que revelam os segredos e mistérios transmitidos pelas gerações, colocando em cena o que Kaes (*apud* Tozatto, 2004) chama de “transmissão de destino”, na qual “se desenha uma inelutável compulsão a transmitir” (p. 105).

Isto posto, fomos levados a refletir sobre a marca da transgeracionalidade em casos de violência sexual, marca essa que se presentifica por meio de traços que atravessam as relações, os ditos e os não-ditos, os segredos familiares e que vão permeando a constituição psíquica dos sujeitos.

O que vemos é que as vivências que são transmitidas têm o poder de transformar mãe e filha em cúmplices ou, ao contrário, em opositores que evidenciam seus efeitos pela repulsa, estranhamento ou mesmo total desamparo.

Nessa perspectiva, o que a transmissão psíquica geracional traz à baila é a vicissitude das relações, visto que estas se costumam através de uma rede de significantes que circulam nos dizeres, sejam eles verbais ou não verbais de um grupo familiar. Esses ditos, ou não-ditos imprimem marcas importantes na maneira de agir e

sentir dos sujeitos que ali se relacionam, cunhando, assim, o processo de constituição subjetiva.

A respeito dessa temática, Feres-Carneiro (2005) nos lembra que é na cadeia de significantes que o indivíduo acrescenta sua marca, ao mesmo tempo que recebe suas inscrições e “o processo de subjetivação é forjado nessa relação dialética entre o que é transmitido e o que é transformado” (p. 29).

É importante salientar que a transmissão psíquica geracional não aponta para uma perspectiva determinista ou mesmo fatalista de um destino, mas, sim, para traços que presentificados nas relações familiares, trazem consigo histórias, e até mesmo padrões, que podem ser meramente repetidos ou ainda ressignificados pelo sujeito, sendo assim, simbolizados, outorgando-lhes, assim, uma face própria, singular.

A transmissão psíquica nos torna herdeiros não só das marcas de nossas famílias, mas igualmente dos não-ditos, do que ficou camuflado, escondido, daquilo que não pôde (de maneira consciente ou não) transitar pelos discursos. Torna-nos, herdeiros do indizível, dos segredos que escondem histórias de violências e sofrimentos que são, em sua maioria, da ordem do insuportável. Fantasmas, mortos-vivos, parasitas do sujeito, como nos diria Tozatto (2004), que avistados na atmosfera familiar, exatamente por não serem simbolizados, criam “um texto subtendido, implícito, um clima apenas” (p.105).

Assim, nossas adolescentes e jovens, quando de suas primeiras aventuras no campo sexual, se deparam com a violência e dela passam a ser alvo, muitas vezes nos mostra a clínica, reatualizam episódios de violência experienciados pelas suas mães, mas que, por se configurarem como malditos se mantiveram ocultos, pelo menos aos ditos familiares conscientes. É a essa provocação que a clínica nos traz, que nos dispomos a refletir, pensando caminhos, junto a essas mulheres, novos olhares e sentires que vão se construir por meio da palavra.

3 | CONCLUSÃO

As questões expostas por este pequeno trabalho nos convocam a algumas reflexões.

O trabalho clínico, em que se aposta, procura se articular em uma posição de operador de movimentos das mulheres que chegam aos serviços referenciados. Movimentos esses que creditamos potentes, não somente por se colocar em uma posição de escuta de cada sujeito (no caso das jovens e de suas mães) com suas singularidades tão caras, mas também por acreditar em possibilidades de movimentos em rede, seja na de atendimentos, seja na rede familiar de cada mulher.

Essa clínica da escuta e do cuidado do um a um (melhor seria dizer uma a uma) se coloca atenta, em uma proposta de escuta cuidadosa às falas dessas mulheres que chegam com suas histórias de violência, no caso as filhas e também as suas mães.

O trabalho clínico nos compele a apostar em um trabalho através da fala, cuja a ordem é potencializadora de movimentos. As falas vão deslocando as mulheres por vezes (ou por muitas vezes) caladas, silenciadas. *Empowerment* ou empoderamento, palavra tão repetida em tempos modernos, ganha aqui novo contorno. Afinal, trata-se menos do ato de dar ou conceder poder para si próprio ou a outrem, mas mais de poder transmutar-se através de suas próprias palavras. Trata-se poder colocar fala onde havia silêncio, fazer do maldito um bem dizer, capaz de (re)lançar as mulheres – sejam elas mães ou filhas – a destinos outros que não aqueles predestinados, presentificados sempre, pela ausência de palavras em movimento imposta pelo segredo,

Dar voz às jovens meninas, assim como suas mães que tiveram seus corpos violados e psiquismo dilacerado, nos faz entender a singularidade do trabalho clínico, que para além do acolhimento humanizado, pretende uma elaboração e ressignificação da “maldita” violência. Como numa costura de retalhos, a aposta psicanalítica é que a partir da fala haja a elaboração dos movimentos de repetição revelados na última “vítima”, criando assim uma abertura para o rompimento do ciclo de violência.

REFERÊNCIAS

- ELIA, L.. Prefácio. In: ZALCBERG, M.. **A Relação Mãe-Filha**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.
- MAGALHÃES, A. S.; FÉRES- CARNEIRO, T.. “Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação”. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio,2005. Disponível em: http://www.editora.vrc.puc-rio.br/docs/ebook_familia_e_casal.pdf. Acesso em 21-07-2014.
- MINAYO. M. C. de S.. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- ORGANIZAÇÃO PAN AMAERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Violencia y Salud**. Resolución XIX, Washington: OPAS, 1994.
- REHBEIN, M. P.; CHATELARD, D. S.. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. **Fractal, Rev. Psicol.** vol. 25 no3. Rio de Janeiro. Sept.-Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v25n3/a10v25n3.pdf>. Acesso em 15-8-2015.
- TOZATTO, M. I. S.. Transmissão psíquica – metamorfoses teórico-clínicas de um campo em movimento, 2004. 255f. Tese (Doutorado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.pucRio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=5138@1. Acesso em 21-07-2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

